

# A EXTENSÃO E A UNIVERSIDADE COMO UMA CONSTRUÇÃO DE TODOS NÓS

ENTREVISTA COM ALDYR GARCIA SCHLEE

## **Aldyr Garcia Schlee**

*Doutor em Ciências Humanas. Professor aposentado da Universidade Federal de Pelotas. Escritor, jornalista, tradutor, desenhista. Pró-Reitor de Extensão e Cultura no período de 1989 a 1992.*

**EE**

*Editores da revista Expressa Extensão*

### **EE - Qual era o conceito de extensão universitária neste período no qual atuou como Pró-Reitor de Extensão da UFPel?**

A idéia de extensão universitária já não era nova, em 1988, com seu acentuado cunho propositivo, sua indispensável e sempre pretendida integração com o ensino e a pesquisa, sua desejada mas difícil relação com a sociedade. Assim, o conceito de extensão universitária, em 1988, como não poderia deixar de ser, era o mesmo com que contamos hoje.

### **EE - Quais foram as ações possíveis de realizar naquele momento que recorda como sendo as mais destacáveis?**

Foi um período de discutida retomada da democracia, em nosso país – com todos os reflexos que possamos imaginar na Universidade. Tivemos não só a Constituição de 1988, mas uma acentuada politização e partidarização da vida nacional e – particularmente, da vivência universitária. Fomos eleitos dentro desse quadro de forte radicalização e de novos e relevantes desafios institucionais. Nesse mesmo quadro, tivemos que enfrentar o estabelecido e consolidado, anteriormente, na UFPel, depois de anos de dominação do oportunismo, do clientelismo, do arbítrio e do autoritarismo – que marcaram nossa universidade desde sua fundação.

Para bem executar a política de extensão da UFPel, na garantia de uma autêntica e eficaz indissociabilidade entre extensão, ensino e pesquisa, bem como na afirmação de uma justificada e persuasiva interação com a sociedade,

foi necessário promover a imediata reestruturação da Pró-Retoria, recompondo sua estrutura orgânica e reorganizando sua força de trabalho, de modo a privilegiar a formação de dois centros – um, de Treinamento e Extensão propriamente dita; outro, de atuação na área artístico e cultural. Estava dado o grande passo para que, em 1991, a Pró-Reitoria de Extensão da UFPel passasse a ser Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (com o DEXT e o DART), de modo que, com mais propriedade e adequação, a universidade pudesse responder simultânea e permanentemente aos seus compromissos sociais, no plano educacional (através da extensão universitária, indissociável do ensino e da pesquisa) e no plano cultural (através do estímulo e da promoção da arte e da cultura, não necessariamente vinculadas ao ensino e à pesquisa).

**EE - Quais eram as dificuldades impeditivas para que os melhores projetos ocorressem?**

As dificuldades eram de caráter quantitativo e qualitativo, decorrentes – por um lado – de uma enorme dissociação entre as atividades extensionistas e as de ensino e pesquisa; por outro, de um conveniente fazer de conta de que, em geral, havia e se realizava, sim, a integração entre tais atividades.

**EE - E quais eram as possibilidades?**

As possibilidades eram muitas – e concretizáveis. Por isso, levamos nossa proposta de Extensão e Cultura ao âmbito nacional, apresentando-a em reuniões do Fórum de Pró-reitores das Universidades Brasileiras – durante as quais as inovações e mudanças pretendidas foram objeto de discussão, de aprovação e até de apropriação e difusão por outras entidades acadêmicas do país. Isso facilitou as coisas, por aqui, na medida em que criamos Coordenadorias de Áreas (tanto de Extensão como de Cultura) e Bolsas de Extensão, além de devolvermos aos Departamentos a iniciativa, a propositura e a execução das ações, incentivando-os a agir, incluindo em seus Planos de Trabalho, Planos Semestrais de Extensão (e de Cultura) e respectivos Projetos de Extensão (e de Cultura).

**EE - A extensão era ou poderia ser um meio eficaz para integrar a universidade com a comunidade?**

A Universidade pública é parte integrante da sociedade. Seu compromisso com a sociedade, sabemos desde sempre, não pode ficar restrito a promover o ensino acadêmico e a formar profissionais de diferentes setores do conhecimento, nas áreas das ciências, das humanidades, das artes, nem deve ser limitado à produção da pesquisa científica. É preciso que o conhecimento gerado no andamento das pesquisas – o resultado destas – e o produzido no desenvolvimento das atividades pedagógicas, chegue de volta à sociedade, com os professores que temos e com os estudantes que estamos formando ou formamos, para que seja posto à disposição e sob a discussão de todos, num processo de retroalimentação intelectual que a Universidade tem a obrigação social de oferecer e garantir a todos, como razão de seu próprio existir e como forma de seu verdadeiro crescimento.

**EE - Havia integração entre extensão, ensino e pesquisa ou se pretendia que houvesse?**

Não, não havia a referida integração entre ensino, pesquisa e extensão. Havia o velho ensino formal, proposto e justificado no saber e no não-saber; havia a pesquisa de qualidade variada e muitas vezes repetitiva; e nem mesmo havia relação relevante entre ensino e pesquisa. Mas essa situação permitia que se percebesse a desimportância da extensão no panorama acadêmico então vigente. Prevalcia a noção de que se pode fazer ensino sem pesquisa (herdada da artificial criação da universidade brasileira); e de que a pesquisa independe do ensino que se faça paralelamente. Prevalcia, acima de tudo e apenas o caráter propositivo da extensão: ela só existiria como proposta, a partir da pesquisa e do ensino – e não como decorrência dos saberes gerados por este e aquela, dispostos e propostos no âmbito social.

**EE - Havia a vontade de que a extensão pudesse contribuir para que a Universidade fosse um lugar melhor ou pudesse ser um lugar mais atento com a sociedade ou, ainda, que se pudesse manifestar com ou através da extensão uma vontade de se estar em uma sociedade melhor?**

A nossa proposta, de profundo caráter político e ideológico, foi vitoriosa nas urnas e afirmou-se institucionalmente, sob a indiscutível e afirmada liderança de Amílcar Gigante, num inédito processo eleitoral com a participação de alunos, servidores e professores, autorizando-nos a começar do zero. Não foi para remendar, refazer ou renovar algo; mas sim para mudar tudo e iniciar a construção da Universidade pública que queríamos, comprometida, antes de tudo, com a sociedade e com a retribuição de conhecimento a esta devida – a partir de ensino, pesquisa e extensão marcados pela gratuidade e pela qualidade.

**EE - Quais são as melhores lembranças? Se desejar contar as lembranças que não são boas, mas por alguma razão permanecem, também queremos saber delas.**

Ao responder estas perguntas, percebi que há algo a contar e algo de que podemos nos orgulhar de ter feito, nos quatro anos em que tivemos a oportunidade de, com alunos, servidores e colegas professores, comandamos a Universidade e pretendemos construí-la. Tenho boas lembranças daquele período. Mas devo confessar, por uma questão de honestidade intelectual, que sofro quando penso no que deixamos de fazer ou no que não nos deixaram fazer. Mas o sentimento de frustração é maior, ainda, quando concluo que, particularmente, não fiz com meu competente e fiel pessoal da Pró-Reitoria, mais do que uma radical mudança estrutural.

Felizmente, o legado de Gigante ficou como um desafio. E está aí, quando percebo como agora, que a construção da Universidade Federal de Pelotas continua; e que nossa Universidade vai se construindo e está se construindo como uma construção de todos nós.

Data e Local de nascimento: 22 de novembro de 1934, Jaguarão, RS

Período em que atuou como Pró-Reitor de Extensão na UFPel: 1988/1992